



espelhos

Em 1995, Dilva Conte andava deprimida por causa da mudança de uma das filhas e dos então únicos dois netos para os EUA. Para sair da situação, decidiu estudar na Universidade da Terceira Idade. Começou pela história da arte e acabou na escultura.

- A terapia virou doença - diverte-se hoje, aos 77 anos, a "escultora das faces".

O título conquistado tem a ver com sua predileção por esculpir bustos e outras peças em que a figura humana é recorrente. Começou por reproduzir a imagem da avó, Madalena, seguiu visitando figuras históricas, como

Dante Alighieri e Aldo Locatelli, ou criando alegorias como a obra *Acolhida*, concebida para as comemorações dos 90 anos do Hospital Pompéia. São peças que espelham uma vontade de ressignificar o cotidiano.

- A melhor coisa é idealizar, botar a mão

na argila - revela.

A mais recente obra de Dilva tem três metros de altura, é toda em bronze e será vista por milhares de pessoas.

Implantado nos campos de São Jorge da Mulata, o monumento dedicado aos Irmãos Bertussi leva a assinatura dela.

- Fiquei entusiasmada e orgulhosa de ser escolhida para esse trabalho - diz. Dilva gosta de contar que levou nove meses para esculpir as duas figuras.

- Sofri mais do que num parto - acrescenta a mãe de cinco filhos e mais de 100 trabalhos feitos em argila, bronze, gesso e basalto.

A artista, que aprimorou seu talento com Xico Stockinger, Bernardete Conte, Bez Batti e Mayta Pasa, segue moldando cada peça como se esculpisse, com os próprios dedos, novos formatos para a sua vida.

- Quando trabalho, é como se entrasse em outro mundo - confessa Dilva.